Carlos Vieira Faria, As Cidades na Cidade. Movimentos sociais urbanos em Setúbal 1966 -1995, Lisboa, Esfera do Caos, 2009

Manuel Carlos Silva*

Tendo sido convidado a apresentar o livro *As Cidades na Cidade. Movimentos sociais urbanos em Setúbal, 1966-1995*, da autoria de Carlos Vieira de Faria, devo começar por dizer que este trabalho resultante de uma tese de doutoramento, defendida na Universidade Nova de Lisboa, representa um marco na sequência de outras obras de relevo em Portugal na Sociologia Urbana, articulada com a Sociologia dos movimentos sociais urbanos. Com efeito, apraz-me registar que esta obra – que li com interesse e prazer - enriquece o património sociológico português em termos teóricos e empíricos. Teoricamente, Carlos Faria começa por relevar os contributos da Escola de Chicago e do interaccionismo simbólico e, seguidamente, destaca as valiosas abordagens de Alain Touraine, Manuel Castells e, sobretudo, Jean Rémy, as quais marcaram a Sociologia Urbana conjugada com a perspectiva dos movimentos sociais, dos movimentos longos, sem descurar, como reivindica o seu mestre Jean Rémy, os acontecimentos, os actores, a vida quotidiana, a transacçao social (um conceito similar ao do antropólogo Frederick Barth), o particular como denotativo do geral. No esquema desenvolvido pelo autor, este inspira-se na conceptualização de Rémy em torno das diversas etapas da mudança social no quadro do movimento social urbano através (*i*) da ruptura e recriação de identidade por um grupo minoritário, (*ii)* da inovação e mobilização durável e mais ampla por múltiplas transacções ou trocas, a que se segue (*iii*) a normalização e institucionalização das formas culturais e, por fim, (*iv*) a consolidação da ortodoxia que pode, de novo, suscitar novos confrontos e contestações – um modelo que Carlos Faria irá aplicar com as devidas adaptações ao seu estudo de caso: Setúbal.

* Departamento de Sociologia, CICS, Universidade do Minho (mcsilva@ics.uminho.pt).

Configuracoes 7.indb 185 03-07-2011 19:59:36

Munido duma notável armadura conceptual com base em obras de referência nacional e internacional, o autor combina e articula de modo crítico e criativo abordagens teórico-metodológicas sobre a cidade de inspiração diferenciada: a cidade como artefacto humano, produto inacabado e espaço dual, como lugar mítico ou de sonho, de segregação sócio-espacial (*v.g.*, massa de desqualificados e excluídos *versus* elites qualificadas em condomínios fechados), situação a exigir participação, reabilitação e governança no campo urbanístico. É de destacar a influência de Manuel Castells e sobretudo de Jean Rémy, que se pode considerar o mais fecundo na relevância e conjugação do espaço-tempo e sociedade e na superação dos dilemas sociológicos entre estrutura e acção, entre sociedade e indivíduos, entre sincronia e diacronia, entre macro e micro.

A nível metodológico, o trabalho do autor traduz um cruzamento fecundo de vários métodos utilizados nas ciências sociais: os dados de ordem quantitativa, nomeadamente estatísticos, a pesquisa documental, a observação e inclusive a observação participante qualificada como técnico e, posteriormente, como académico, (con)vivendo lado a lado com os moradores de Setúbal, convergindo a sua história de vida com o trajecto de pesquisa de percurso longo, aliando a reflexão à acção neste projecto sobre a cidade de Setúbal. Por outro lado, Carlos Faria articulou a abordagem sociológica com a dimensão histórica, tornando-se um exímio obreiro da relação cidade-práticas sociais à luz da sociologia histórica com influência do historiador Braudel e na esteira de Jean Rémy e da teoria configuracionista de Norbert Elias, embora pudesse potenciar algo mais este último autor. Neste quadro, faz uma breve incursão sobre os protestos e os movimentos populares dos séculos XVII e XVIII para, seguidamente, se fixar nos movimentos sociais, designadamente operário, nos séculos XIX e XX. A base social principal do movimento era constituída por operários da indústria conserveira com baixos salários, sendo a fábrica o local das suas reivindicações, lutas e greves e a associação operária a âncora de socialização e politização das lutas. Nestas é sublinhada a força social liderante provinda de sectores minoritários renovadores da Igreja conciliar, dos círculos operários católicos, não relevando, contudo, o autor o papel de outras forças clandestinas nos sindicatos, assim como do Partido Comunista Português.

Além da distinção entre força social e base social, o autor evidencia o arranque tardio da industrialização, faz um retrato sociodemográfico de Setúbal, focaliza o seu olhar nos processos de conscientização e, por fim, centra-se na construção e gestão da cidade pelos moradores como actores sociais, dando conta das diversas etapas deste processo, em que o tempo, seguindo Hermínio Martins, é uma componente nuclear para a compreensão e interpretação dos fenómenos sociais e na (re)produção do urbano. Com efeito, o tempo, enquanto categoria histórica e sociológica e enquanto suporte básico não só da História como das demais ciências sociais, não só remete para a dimensão histórica das sociedades, como constitui o quadro onde têm lugar os processos sociais a nível macro e

Configuracoes 7.indb 186 03-07-2011 19:59:36

estrutural, sem deixar de relevar as formas diferenciadas de vivência e representação nas diversas escalas e momentos a nível micro e da vida quotidiana.

Da leitura atenta da obra ressalta a fina sensibilidade e empatia de Carlos Faria pelos habitantes de Setúbal, nomeadamente daqueles que, na expressão dum dos entrevistados, "viviam como animais", ou seja, em condições habitacionais degradantes, dando voz aos próprios actores sofridos. Ao traçar este quadro da construção da cidade, em termos não só descritivos como analíticos, o autor traz para primeiro plano os actores sociais nas várias etapas: desde a fase final do salazarismo, passando pelo *intermezzo* cosmético da primavera e continuidade marcelista, até ao contexto revolucionário do (pós-)25 de Abril – um período rico e explosivo (organizações populares de base, o SAAL, as associações, as ocupações e cooperativas de habitação) – e à normalização institucionalizada a partir do 25 de Novembro de 1975 até final dos anos setenta. Releva o carácter fortemente distintivo de Setúbal como "cidade vermelha" e, de 1977 a 1985, a crise económica e social, os refluxos e recomposições sociais, terminando com o último período de crise, misturado de desilusão e leve esperança. O autor, empreendendo um esforço de objectivação, demarca-se duma abordagem positivista, não confunde objectividade com neutralidade axiológica, recusando com justeza ser um cientista social frio ou distante das populações com quem se identificou. Mas tem igualmente, face aos papel dos partidos, uma certa atitude crítica, atribuindo ao "assalto partidário" a responsabilidade do bloqueamento da relação entre força social e base social, o que já é certamente discutível, sobretudo se analisado esse resultado em termos de uma relação (mono)causal, de resto não subscrita mais adiante pelo autor.

Sem retirar o mérito a esta obra, devo contudo anotar alguns reparos críticos. Primeiro, a relativa ausência do património clássico marxista e do próprio tema das classes numa perspectiva weberiana e marxista, assim como da relação constitutiva (ainda que não unidimensional) entre classes e movimentos sociais, designadamente sindicais. Em segundo lugar, a polarização algo forçada entre a sociologia americana e a europeia como dois pólos tensionais quando as oposições paradigmáticas são transversais aos dois continentes e, no seio de cada um, verificam-se fortes polémicas: por exemplo, na América, a Escola de Chicago e o interacccionismo em confronto com o estrutural-funcionalismo parsoniano que representa, todavia, continuidade com a sociologia funcionalista durkheimiana de raiz francesa, europeia.

Estas notas não obnubilam de modo algum o mérito da obra de Carlos Faria que, além de merecer a atenção dos sociólogos e outros especialistas, fornece aos leitores um guião de análise acutilante sobre o projecto/construção da cidade e as práticas dos actores sociais urbanos na cidade de Setúbal, de resto extensível a outras cidades e movimentos sociais urbanos.

Configuracoes 7.indb 187 03-07-2011 19:59:36